

ISSN 2675-7281  
Volume 07 - Nº 39, Junho/2026

# [عقم]CORPOS

revista pós-pornográfica de fotografia



[nesta edição,  
chris, the red  
[rafael medina ]  
henri ferraz  
[rainnery queer core ]



Esta revista leva o selo DUOCU,  
formado pelos artistas  
Bruno Novadvorski &  
Chris, The Red  
[www.duocu.art.br](http://www.duocu.art.br)



# editorial

Sempre acho que a parte mais difícil da revista é escrever este editorial. Nunca sei exatamente por onde começar, mas uma coisa me deixa muito feliz em relação a esta edição. Aliás, duas. Primeiro: no ensaio principal, apresento fotografias que fiz aqui, em Berlim, onde estou residindo há 3 meses e é o primeiro ensaio internacional da [pós]CORPOS. E estou amando. Segundo, a primeira edição bilíngue. A revista está dando seus passos internacionais e que felicidade é isto. Só tenho a agradecer. O ensaio principal é acompanhado também de um vídeo. Obrigado, meu querido I. (Você tem sido uma pessoa incrível nesta minha

#### **Direitos e Comprometimento:**

*As imagens constantes na [pós]CORPOS® são de autoria do seu criador - Chris, The Red - e por outros artistas que, gentilmente, as cederam para serem publicadas com as devidas permissões de direitos autorais.*

*A [pós]CORPOS® está comprometida com artistas e todos os direitos autorais estão reservados. Nenhuma parte desta revista pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem autorização prévia por escrito do editor-chefe da [pós]CORPOS ou do artista.*

*Outras imagens - que possam ser utilizadas - são livres de direitos autorais. No entanto, se houver uso injusto e/ou direitos autorais violados, entre em contato.*

São Paulo - SP

[pós]Corpos© é uma publicação bimestral idealizada e criada pelo designer gráfico, artista visual e fotógrafo Chris, The Red, co-fundador do DUOCU em parceria com o artista visual Bruno Novadvorski.

[\[www.thered.com.br\]](http://www.thered.com.br)

Volume 07, Nº 39, Junho/2026 (ISSN 2675-7281)

**Edição e Redação** Chris, The Red **Capa** Chris, The Red (fotografia) **Ensaio Fotográfico Principal:** Chris, The Red **Corpas Falantes:** Rafael Medina **Ensaios Pornossexualgráficos:** Henri Ferraz **Gozos Contínuos:** Rainnery Queer Core **Logotipo** The Red Studio by Chris, The Red **Projeto Gráfico e Direção de Arte** The Red Studio by Chris, The Red

passagem por Berlim). Na coluna Corpas Falantes, a sensibilidade do querido Rafael Medina sobre o envelhecimento LGBTQIAPN+. Nos Ensaios Pornossexualigráficos, os desenhos digitais do talentoso Henri Ferraz e, fechando a revista, a poesia e o cuidado de Rainnery Queer Core. Aproveitem. Participem.

*I always find writing this editorial to be the hardest part of putting together the magazine. I never know where to start, but there's one thing that makes me happy about this issue. Actually, two things. First, the main photo spread features photographs I took in Berlin, where I've been living for the past three months. It's the first international photo spread for [pós]CORPOS. I'm loving it. Second, this is our first bilingual issue. The magazine is taking its first steps on the international stage, and it's a joy to be a part of it. I can only express my gratitude. The main feature is also accompanied by a video. Thank you, my dear I. You've been an incredible person during my time in Berlin. The Corpas Falantes column features the work of Rafael Medina on LGBTQIAPN+ aging. Ensaios Pornossexualigráficos feature the digital drawings of the talented Henri Ferraz. The magazine closes with the poetry and care of Rainnery Queer Core. Enjoy! Participate! 🇺🇸*

## Chris, The Red

bixa designer gráfico artista visual  
fotógrafo editor-chefe



### Nota do editor

Esta é uma publicação de arte e fotografia que contém cenas de nudez, sexo explícito e genitais. Consulte com cuidado caso sintam-se ofendidos. Todas as imagens presentes nesta publicação são de autoria do editor/criador Chris, The Red. Assim, nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida de forma mecânica ou digital sem prévia autorização.

Se tiver interesse de participar como modelo nos ensaios fotográficos das próximas edições, entre em contato: [conexao@duocu.art.br](mailto:conexao@duocu.art.br)



Porn Therapy Session: Mr. PF. Chris, The Red (São Paulo/SP, 2018)

nesta edição [this edition]

06 **Ensaio Principal**

Bondage Session

por [by] Chris, The Red

55 **Corpas Falantes**

O mais profundo é a pele

por [by] Rafael Medina

68 **Ensaio Pornossexualigráficos**

Monstros digitais em azul  
e vermelho

por [by] Henri Ferraz

82 **Gozos Contínuos**

[meu caderno laranja]

Química descartável

por [by] Rainnery Queer Core

90 **Sobre redução de danos  
no chemsex**

por [by] Rainnery Queer Core

# Bondage session

fotos por [photos by]

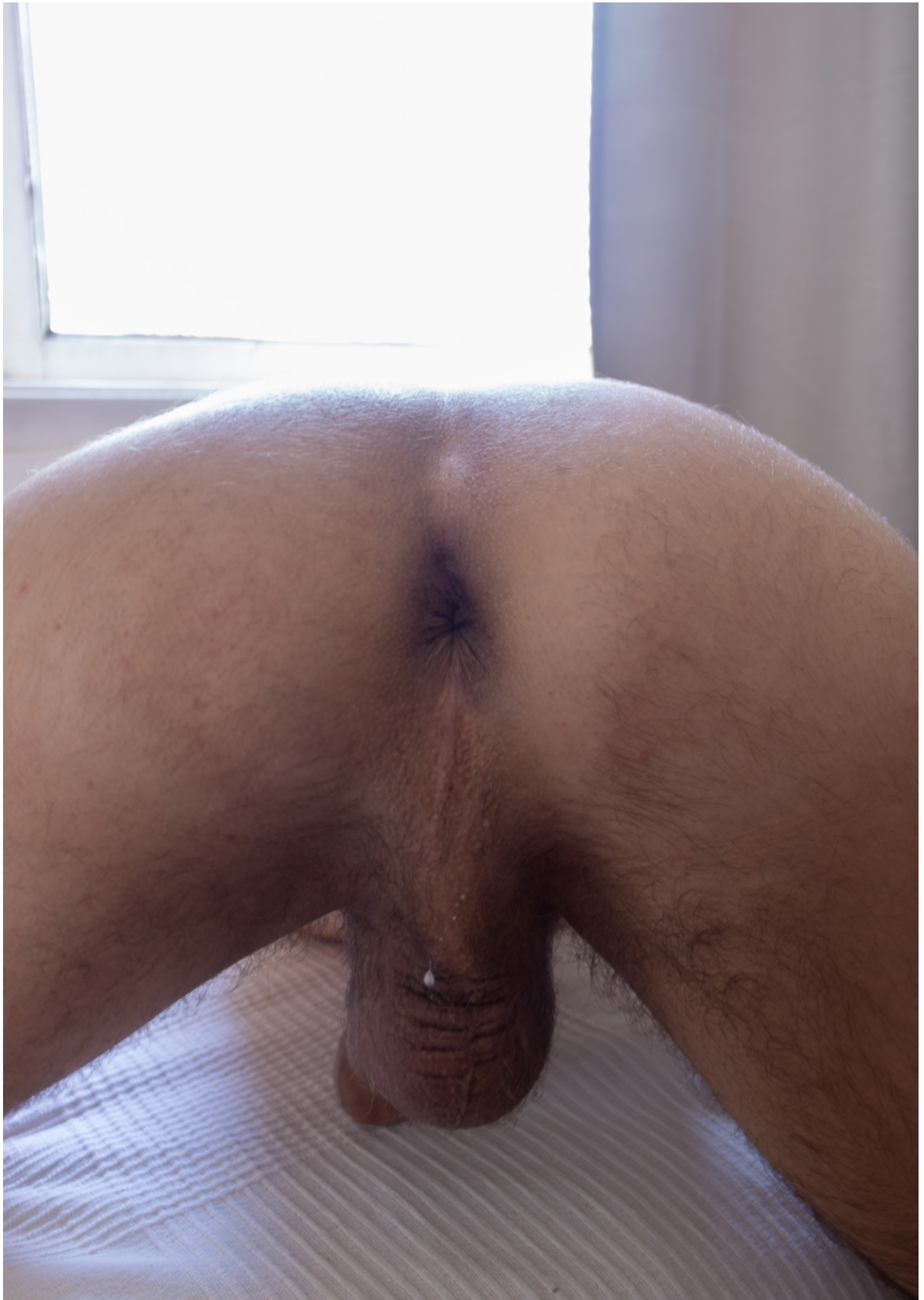
**Chris, The Red**

com [with]

**I.**





























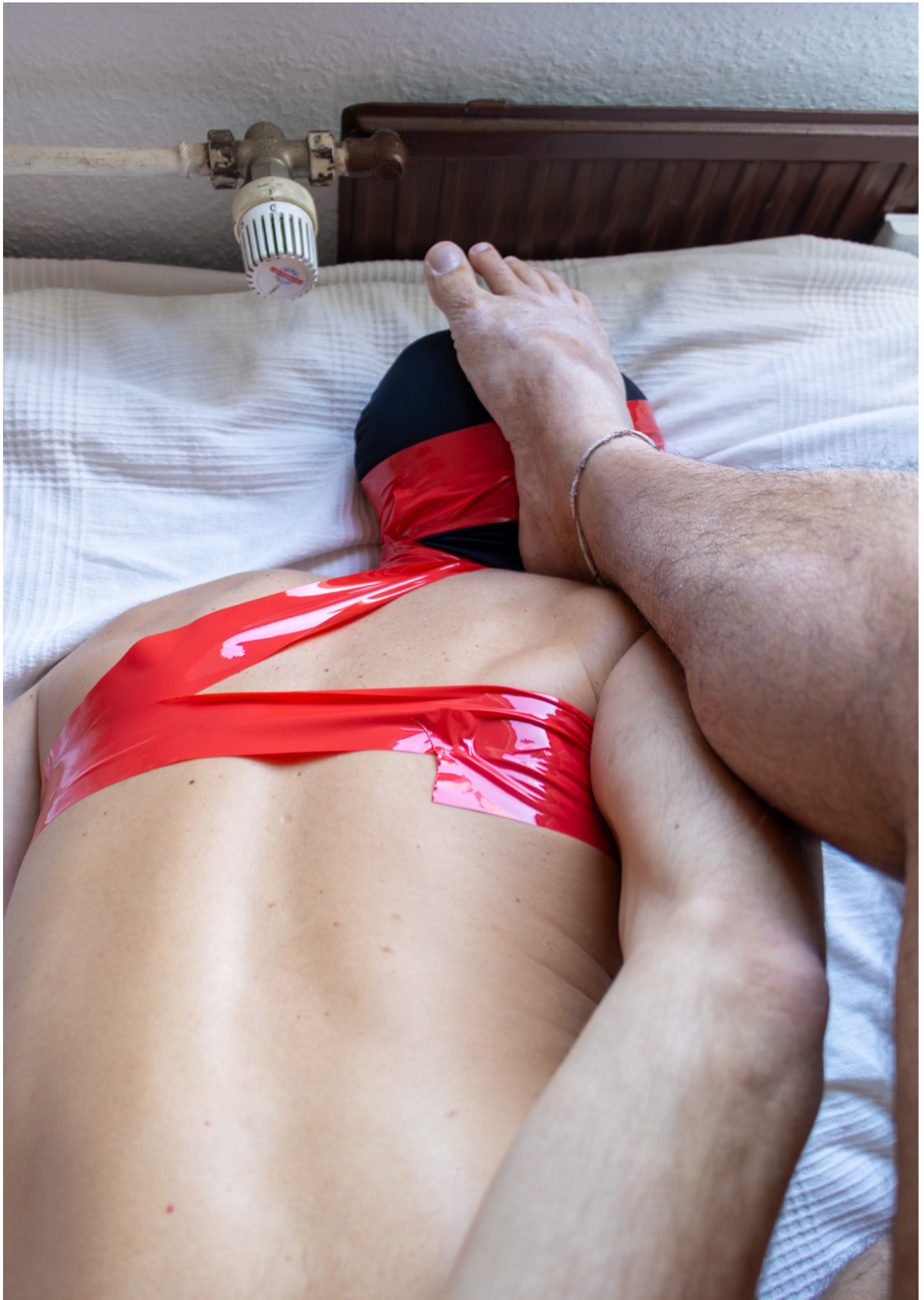








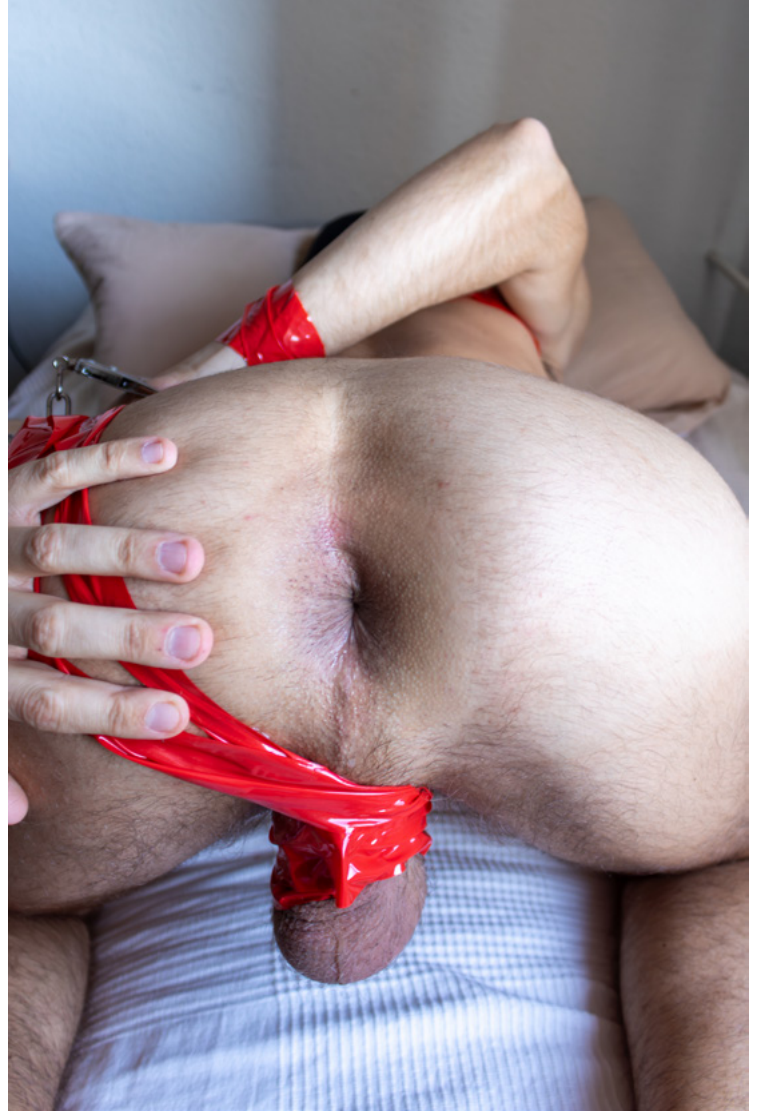






































# assista o vídeo

[watch the video]



















[pós]CORPOS: I.  
Fotografia[photos]: Chris, The Red  
Berlim, Alemanha [Berlin, Germany], 2026

# CORPAS FALANTES

# O mais profundo é a pele

55

Rafael Medina



Yone, 68. foto [photo] Rafael Medina

**A frase “O mais profundo é a pele” foi cunhada pelo poeta francês Paul Valéry<sup>1</sup>, para descrever o encontro entre um corpo e o mundo, lugar onde a experiência e a percepção se manifestam. O filósofo Deleuze, por sua vez, se apropria desta frase-poema para subverter a noção clássica de interioridade subjetiva.**

Para ele, a pele não é superficial, no sentido de um mero véu ou fachada, mas sim o lugar onde a vida se manifesta, onde o pensamento é experimentado. Subverto novamente a frase e trago a superfície da pele como o lugar onde a memória é marcada no corpo, onde o passar do tempo se mostra, nas rugas, na flacidez dos tecidos, nas manchas e cicatrizes que contam sobre nossas vivências. É ali também, na pele, que o mundo nos vê e nos lembra do nosso envelhecimento, mesmo quando interiormente nos sentimos ainda tão jovens.

E foi esta frase que escolhi para o título do meu projeto composto de séries fotográficas, um DOC Curta-metragem<sup>2</sup>

<sup>1</sup> A frase “O mais profundo é a pele” (“Le plus profond, c’est la peau”) aparece no diálogo filosófico-literário *L’Âme et la Danse* (“A Alma e a Dança”), publicada originalmente em 1921.

<sup>2</sup> Ver trailer: <https://vimeo.com/1119560528?fl=pl&fe=sh>



Monica, 61. foto [photo] Rafael Medina



Carmen, 80. foto [photo] Rafael Medina

e um Podcast<sup>3</sup> que retrata pessoas LGBTQ+ acima de 60 anos, é uma pesquisa visual que parte de uma pergunta íntima que coloquei a mim desde quando “saí do armário”. Como será envelhecer sendo gay? Em um contexto mais amplo, como é envelhecer sendo LGBTQ+? Tais questões devem ser pensadas considerando inclusive que nossa comunidade foi violentamente reprimida pela ditadura nos anos 70 e severamente afetada pela epidemia do HIV/AIDS durante os anos 80 e 90. Além das vivências profundamente marcadas pela violência que geram dados tristes como a curta expectativa de vida de corpos trans e da comunidade LGBTQ+ preta.

O contexto histórico acaba impedindo que tenhamos mais histórias e mais exemplos do que significa envelhecer sendo LGBTQ+, seja porque estavam “dentro do armário” ou porque não sobreviveram ao contexto violento ao qual foram submetidos. “Esse vácuo geracional” causa uma ansiedade sobre o futuro na medida em que tememos aquilo que desconhecemos.

Não pretendo, de forma alguma, apresentar um exemplo a ser seguido de como uma pessoa LGBTQ+ deva encarar o envelhecimento, mas sim mostrar corpos e pensar em uma outra beleza: a das rugas, das manchas e das “falhas”. De tudo aquilo que nos faz singular e que marca no corpo nossas histórias e modos de vida, desafiando, desta forma, as ideias clássicas sobre o que significa envelhecer. Nessa esteira, forças como o prazer, o desejo e as relações afetivas de amizade aparecem como potenciais de vida para repensar questões recorrentes a quem



Jeff, 62. foto [photo] Rafael Medina

envelhece: finitude, solidão e apagamento. Na riqueza da diversidade das vivências, abre-se a possibilidade de invenção de novos modelos de vida, singulares, potentes e belos. }



Rinaldo, 60. Juca, 65. foto [photo] Rafael Medina



Luciano, 62. foto [photo] Rafael Medina

# The deepest is the skin

*The French poet Paul Valéry coined the phrase “The deepest is the skin”<sup>1</sup> to describe the encounter between the body and the world—the place where experience and perception manifest themselves. In turn, the philosopher Deleuze appropriates this poetic phrase to subvert the classical notion of subjective interiority.*

*To him, skin is not merely a superficial veil or façade, but rather the place where life manifests and thought is experienced. I subvert the phrase once more, presenting the skin’s surface as where memory is imprinted on the body. There, the passage of time reveals itself through wrinkles, sagging tissue, spots, and scars that tell the story of our experiences. The world sees us there, too, and reminds us of our aging, even when we still feel young inside.*

*I chose this phrase as the title for my project, which consists of a series of photographs, a short documentary film<sup>2</sup>, and a podcast<sup>3</sup> portraying LGBT+ people over the age of 60. This visual exploration stems from a personal question I’ve asked myself ever since I “came out”: What will it be like to grow old as a gay person? More broadly, what is it like to grow old as an LGBT+ person? These questions must be considered in light of the fact that our community was violently repressed by the dictatorship in the 1970s and severely impacted by the HIV/AIDS epidemic in the ‘80s and ‘90s. These experiences have led to tragic statistics, such as the short life expectancy of transgender people and members of the Black LGBT+ community.*

*The historical context prevents us from having more stories and examples of what it means to grow old as an LGBT+ person.*

---

<sup>1</sup> The phrase “The deepest thing is the skin” (“Le plus profond, c’est la peau”) appears in the philosophical-literary dialogue \*L’Âme et la Danse\* (“The Soul and the Dance”), originally published in 1921.

<sup>2</sup> Watch trailer: <https://vimeo.com/1119560528?fl=pl&fe=sh>.

<sup>3</sup> Available: <https://open.spotify.com/show/50V0YKa6ETlhTFY1koLksh?si=9ea9a63665854dac>.

*This is often due to them being “in the closet” or not surviving the violent environment they were subjected to. This generational gap causes anxiety about the future because we fear what we do not know.*

*I don't intend to present a model of how an LGBTQ+ person should approach aging. Rather, I aim to showcase diverse bodies and explore a different kind of beauty: the beauty of wrinkles, age spots, and “imperfections.” These are the things that make us unique, leaving their mark on our bodies and telling our stories and life experiences. They challenge traditional notions of growing old. In this vein, pleasure, desire, and emotional bonds of friendship emerge as life-affirming ways to rethink recurring issues for the aging population: finitude, loneliness, and erasure. The richness of diverse experiences opens up the possibility of inventing new models of life that are unique, powerful, and beautiful.*

**Rafael Medina.** Fotógrafo, baseado em São Paulo/BRA e Berlim/ALE. Nascido na Zona Norte do Rio de Janeiro/RJ, construiu sua trajetória a partir de vivências ligadas à cultura urbana, à música, à noite e às dinâmicas sociais que atravessam corpos dissidentes. Graduado em Filosofia pela UERJ e com formação em Artes Visuais pela EAV Parque Lage, seu trabalho documenta a cena musical alternativa, a vida noturna underground e cria retratos que celebram a identidade LGBTQIAPN+ e a diversidade sexual. Fotografa os contextos dos quais faz parte, registrando memórias, afetos e as relações dentro da cultura clubber e da vida queer contemporânea. Desde 2017, trabalha majoritariamente com fotografia analógica, explorando o formato como linguagem própria e todos os recursos experimentais que o acompanham. Surgem, assim, imagens que dialogam com seus estados emocionais.

*[He is a photographer based in São Paulo, Brazil and Berlin, Germany. Born in the North Zone of Rio de Janeiro, he has built his career around experiences tied to urban culture, music, nightlife, and the social dynamics that shape dissident bodies. He has a degree in philosophy from UERJ and training in visual arts from EAV Parque Lage. His work documents the alternative music scene and underground nightlife. He creates portraits that celebrate LGBTQIAPN+ identity and sexual diversity. He photographs his own contexts, capturing memories, affections, and relationships within club culture and contemporary queer life. Since 2017, he has primarily worked with analog photography, exploring the format as a language in its own right, along with all its experimental resources. Thus, images emerge that engage with his emotional states.]*

 @rafaml

 rafamedina.com.br

# ENSAIOS PORNOSEXUALIGRÁFICOS

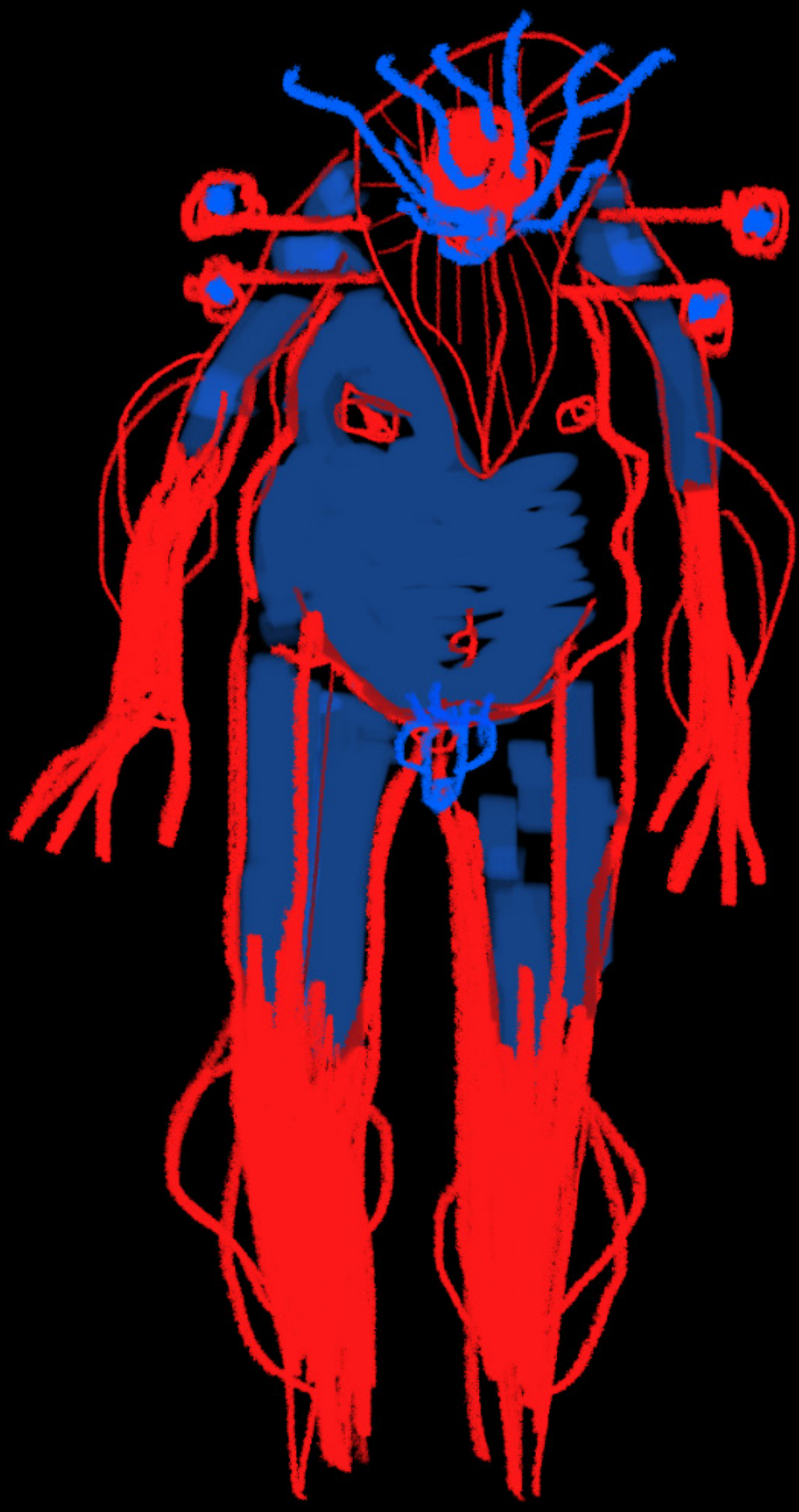


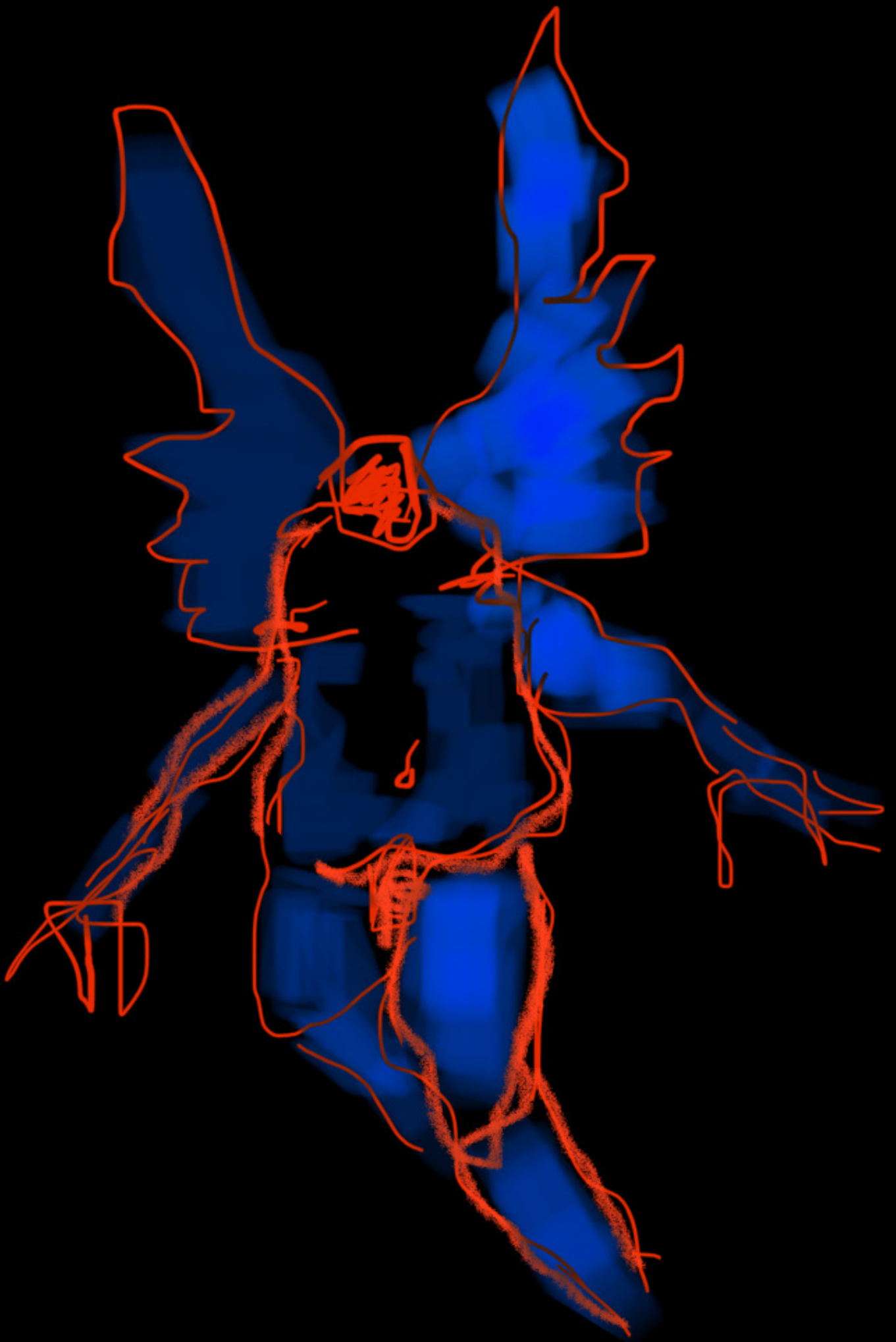
# Monstros digitais em azul e vermelho

por[by] Henri Ferraz

A série de ilustrações foi produzida no período de isolamento social pandêmico e realizada por meio da tela touchscreen e dos dedos via aplicativo de anotações do smartphone. Foi a primeira vez que consegui assimilar minha pesquisa visual e sígnica por meio das monstruosidades e da teoria queer.

*[The series of illustrations was created during the pandemic lockdown using a touchscreen and my fingers via a smartphone note-taking app. It was the first time I had managed to incorporate my visual and semiotic research through the lens of monstrosity and queer theory.]*







心

肝

脾

肺

腎

腸

胃

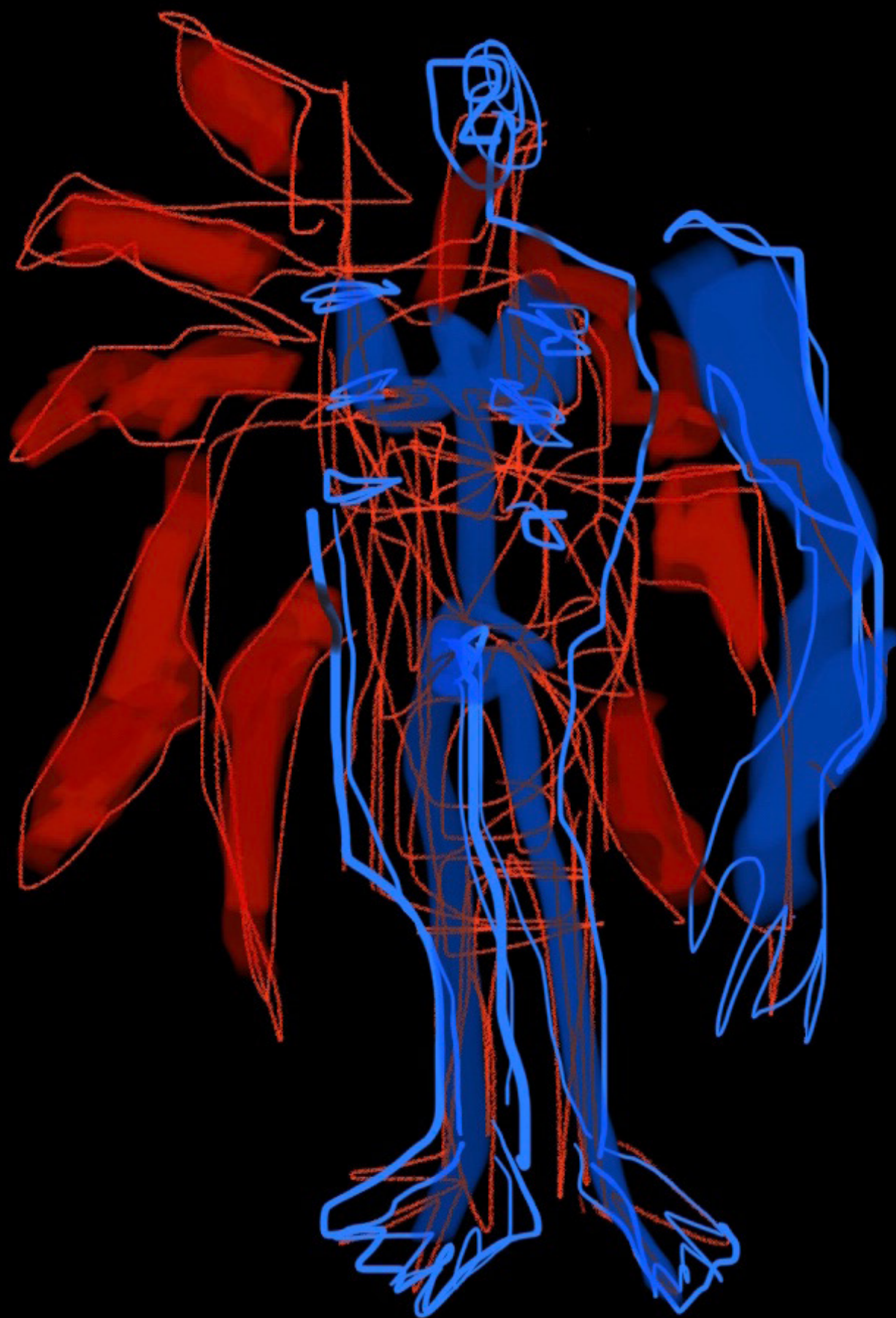
胆

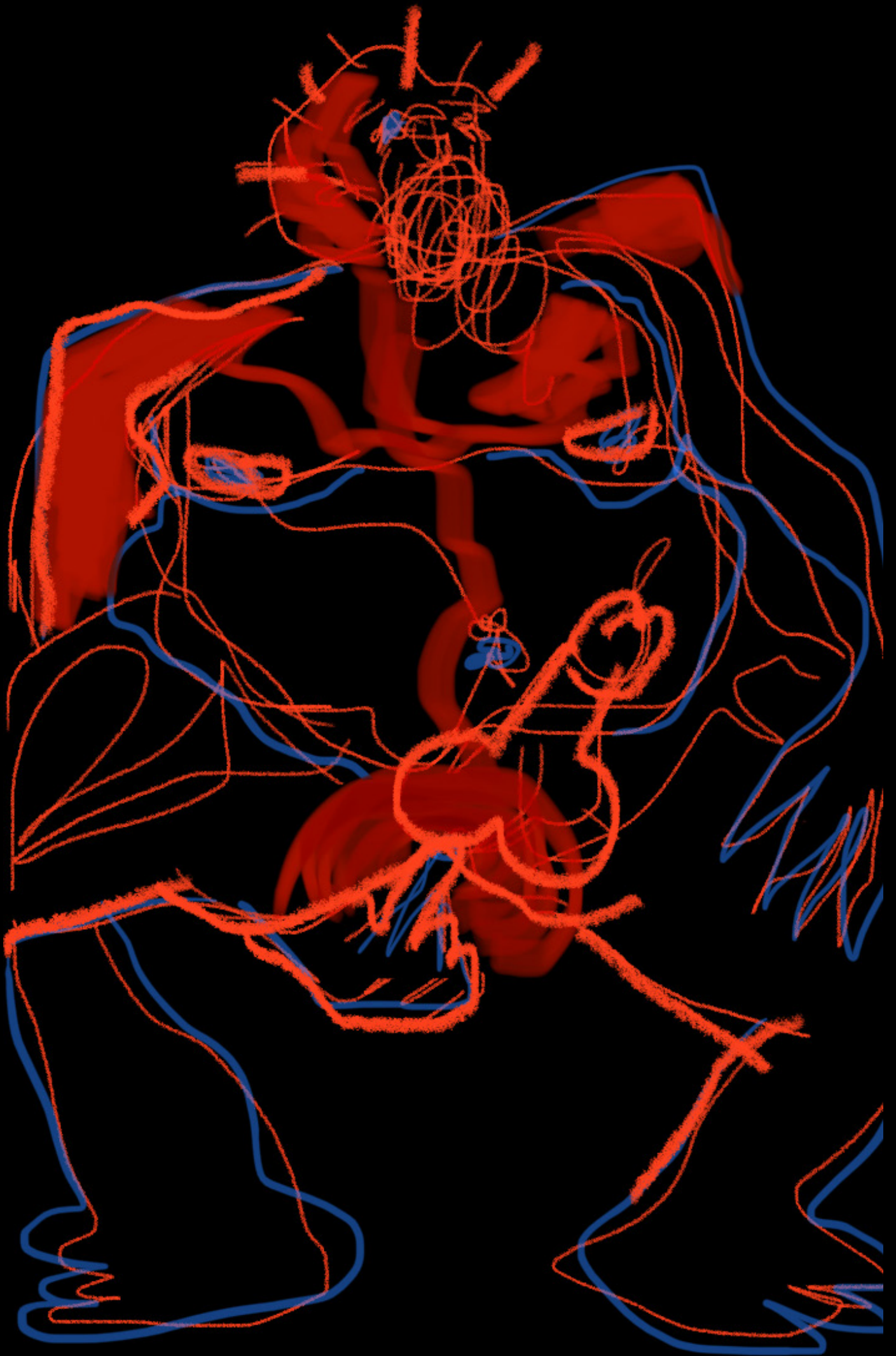
膀胱

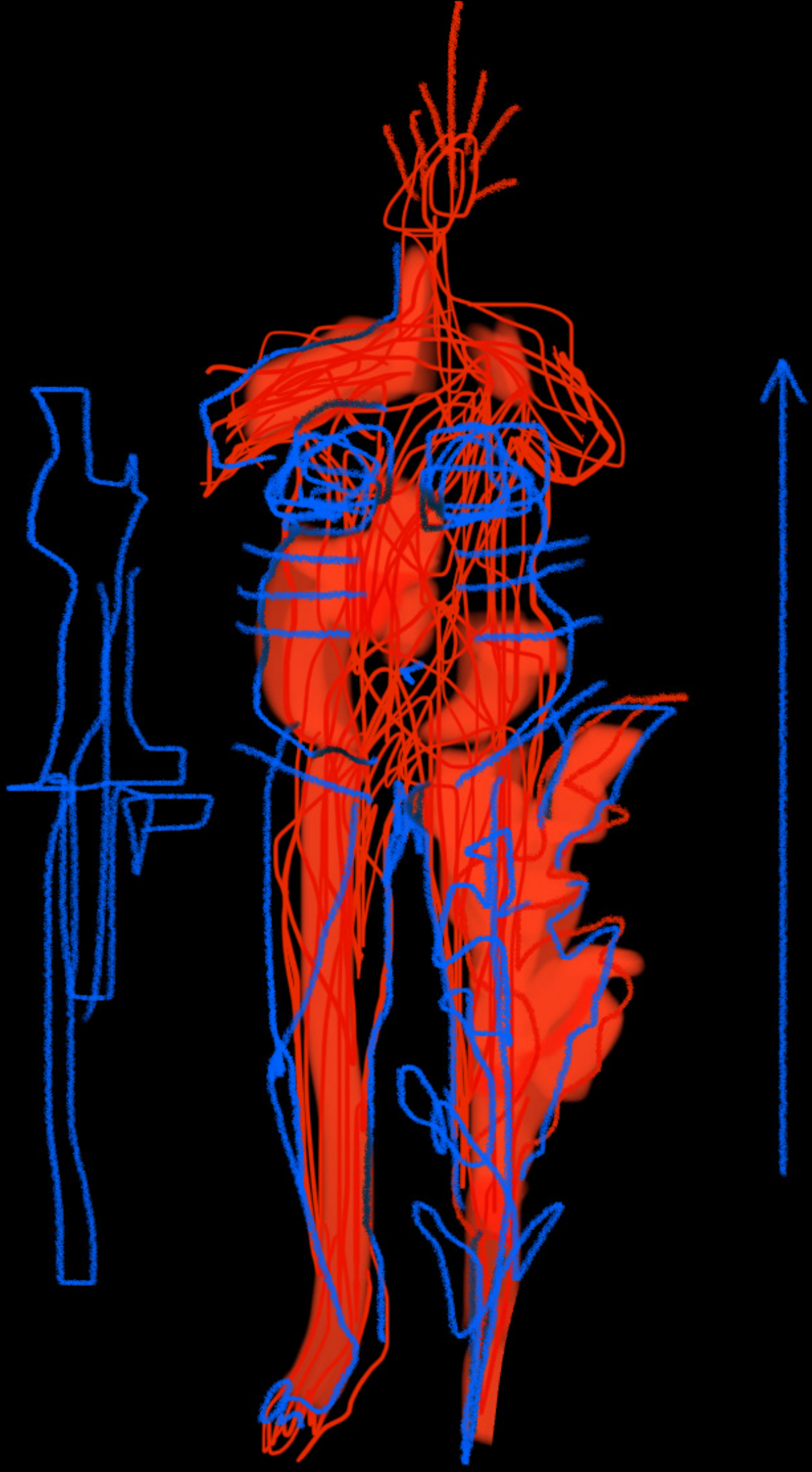
尿道

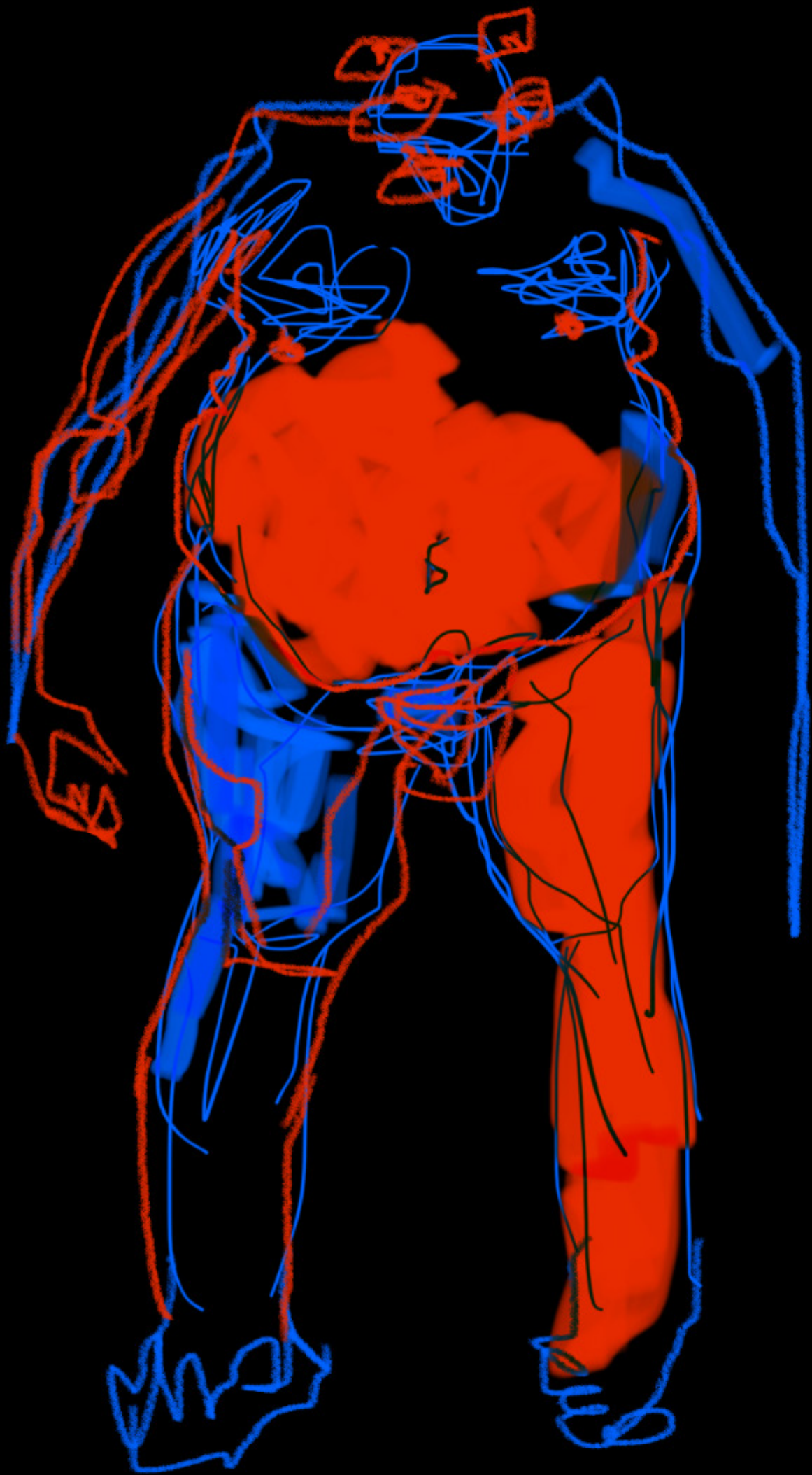
陰道













**Henri Ferraz.** Artista visual, pesquisador transmídia e dramaturgo. Compõe o corpo permanente do Núcleo Abantesma, participando da gestão coletiva da Casa Coletiva do Núcleo Abantesma onde desenvolve pesquisas entre a teoria crítica e ficções especulativas através da mediação e do exercício da leitura síncrona e diacrônica. Atua como dramaturgo no projeto “CORPO-RIO EM CRUZO” (FMC/FCCR 2025) e como pesquisador no projeto “Corpos Dissidentes na Arte Joseense” (FMC/FCCR 2025). Anteriormente, atuou como performer, arte-educador, artista-pesquisador e audiodescritor nos livros “Queer na Raça: narrativas para transgredir” (ProAC/2024) e “CorpoAlgoritmo” (CULTSP PNAB 2024) e como performer e pesquisadora nos projetos “M.E.D.O.S” (LPG/SP) e “Atos Para o Fim dos Tempos” (LPG/SJC/2024).

*[Visual artist, transmedia researcher and playwright. He is a core member of the Abantesma Collective, participating in the collective management of the Abantesma Collective House, where he conducts research at the intersection of critical theory and speculative fiction through the mediation and practice of synchronic and diachronic reading. He works as a playwright on the project “CORPO-RIO EM CRUZO” (FMC/FCCR 2025) and as a researcher on the project “Corpos Dissidentes na Arte Joseense” (FMC/FCCR 2025). Previously, worked as a performer, arts educator, artist-researcher and audio-describer on the books “Queer na Raça: narrativas para transgredir” (ProAC/2024) and “CorpoAlgoritmo” (CULTSP PNAB 2024) and as a performer and researcher on the projects “M.E.D.O.S” (LPG/SP) and “Acts for the End of Time” (LPG/SJC/2024).]*

 @\_henriferraz

 youtube.com/@\_henriferraz

 behance.net/henriferraz

 abantesma.com.br

**Tem um ensaio pornossexualigráfico (pornográfico, erótico, pós-pornográfico, explícito, metafórico e afins)? Envie seu ensaio entre 05 a 10 imagens e se ele for aprovado, será publicado em uma das edições da [pós]CORPOS.**

*[Do you have a pornossexualigraphic photo essay (pornographic, erotic, post-pornographic, explicit, metaphorical, or similar)? Submit your essay—consisting of 5 to 10 images—and if it is accepted, it will be published in one of the issues of [pós]CORPOS.]*

**Preencha o formulário [fill the form]:**  
<https://forms.gle/Fsbu8BpnWDDGu3iYA>

# GOZOS CONTÍNUOS



# [meu caderno laranja] Química descartável

por [by] Rainnery Queer Core

No banheiro de azulejo rachado, a luz azul falhava como se também estivesse cansada de existir ali.

O espelho devolvia um rosto que parecia sempre de passagem — nem totalmente meu, nem totalmente de quem esperavam que eu fosse.

Na pista, o grave vibrava no externo.

Acid arab escorrendo pelas paredes suadas.

Corpos encostando sem pedir licença, sem prometer nada, sem cobrar depois.

Era simples assim.

Química entra. Defesas saem.

Ali, nomes eram opcionais.

Histórias pessoais, peso morto.

E eu gostava disso.

Gostava da sensação de ser só sistema nervoso e calor.

Gostava de não precisar sustentar personagem nenhum por muito tempo.

Mas tinha sempre o depois.

O descarte silencioso.

Sem bloqueio. Sem cena.

Só o afastamento orgânico, tipo droga saindo do sangue.

E eu fingia que era natural.

Porque eu também já tinha sido o corpo que vira notificação silenciada.

Eu nunca entrei só pelo prazer.

Às vezes eu entrava porque o vazio fazia eco alto demais no quarto.

Às vezes porque era mais seguro ser desejado por horas do que conhecido por anos.

Ali ninguém sabia onde doía.

Mas também ninguém ficava tempo suficiente pra perceber quando eu começava a apagar.

E o assustador nunca foi a química.  
Foi a facilidade de aprender  
que gente é substituível  
e que a gente também pode se tratar assim.  
Mas seria mentira dizer que não existe algo real ali.  
Existe. Existe troca que pulsa.  
Existe intensidade que parece ritual.  
Existe momento que parece quase sagrado —  
não no sentido puro, mas no sentido de verdade crua,  
sem filtro social.  
Underground tem isso. Arranca verniz.  
Hoje eu escrevo isso encostado numa janela aberta,  
cidade respirando quente lá fora.  
Eu não acho que fingir que esse mundo  
não existe salva ninguém.  
Mas esquecer que eu existo fora dele... isso quase me  
levou embora algumas vezes.  
Então eu tento lembrar: Eu não sou descartável.  
Mesmo quando o fluxo me trata como se fosse.  
E se eu entrar de novo —  
porque talvez eu entre —  
eu quero levar comigo  
nem que seja escondido no bolso da mente  
um pedaço de quem eu sou sóbrio.  
Pra garantir que quando a química for embora  
alguém ainda fique.  
Eu. [ ]

## **Chemsex: prazer também é cuidado**



# [my orange notebook]

## Disposable chemistry

*In the bathroom with its cracked tiles, the blue light flickered, as if tired of being there, too.*

*The mirror reflected a face that always seemed to be just passing through—neither entirely mine nor what others expected.*

*On the dance floor, the bass vibrated against my sternum.*

*Acid Arab dripped down the sweaty walls.*

*Bodies brushed against each other without asking permission, promising anything, or demanding anything later.*

*It was that simple.*

*Chemistry in. Defenses down.*

*There, names were optional.*

*Personal histories were dead weight.*

*And I liked that.*

*I liked the feeling of being nothing but a nervous system and heat.*

*I liked not having to maintain any persona for very long.*

*But there was always the aftermath.*

*The silent discard.*

*No emotional block. No drama.*

*It was just the organic withdrawal, like a drug leaving the bloodstream.*

*I pretended it was natural.*

*Because I, too, had once been a silenced notification.*

*I never went in just for pleasure.*

*Sometimes, I went in because the emptiness echoed too loudly in the room.*

*Sometimes it was safer to be desired for hours than to be known for years.*

*There, no one knew where it hurt.*

*But no one stayed long enough to notice when I started to fade away.*

*What was scary was never the chemistry.*

*It was how easily we learned that people are replaceable and that we can treat each other that way, too. However, it would be a lie to say that there isn't something real there.*

*There is. There's an exchange that pulses.*

*There's an intensity that feels like a ritual.*

*There are moments that feel almost sacred—not in the pure sense, but in the sense of raw truth without social filters.*

*The underground has that. It strips away the veneer.*

*Today, I write this leaning against an open window while the city breathes hot air outside.*

*I don't think pretending this world doesn't exist helps anyone.*

*But forgetting that I exist outside of it almost took me away a few times.*

*So I try to remember: I am not disposable.*

*Even when the flow treats me as if I were. If I go back in—and maybe I will—I want to take with me, hidden in the pocket of my mind, a piece of who I am when I'm sober.*

*I want to make sure that when the chemistry fades, someone still remains. Me.<sup>1</sup>*

**Chemsex:**

**pleasure also means taking care**

# Sobre redução de danos no chemsex

por [by] Rainnery Queer Core

Pensadores como Zygmunt Bauman já apontavam como as relações se tornaram fluidas, rápidas, muitas vezes, descartáveis. No contexto do chemsex, isso ganha outra camada: o corpo deixa de ser só corpo e passa a funcionar como interface — atravessado por substâncias, aplicativos, encontros e expectativas. Não é só sobre prazer, é também sobre conexão, solidão, repetição.

Quando olhamos por uma lente inspirada em Carl Jung, aparece uma tensão importante: existe desejo, impulso, sombra — partes reais da psique. Mas isso não significa destino. O desejo não é um roteiro fechado. Ele é atravessado pelo contexto, pelas substâncias, pelas tecnologias e pelas histórias que carregamos. Entre o interno e o externo, existe um espaço — e é nesse espaço que a redução de danos pode acontecer.



A redução de danos não parte do julgamento, mas do cuidado possível dentro da realidade. Não exige perfeição, mas convida à consciência.

Abaixo, 5 exercícios inspirados em práticas de regulação emocional e atenção — uma “neurocirurgia simbólica” do cotidiano, pequenos ajustes no sistema nervoso e na tomada de decisão:

### **1. Pausa de 90 segundos (interromper o automático)**

Antes de abrir um app ou usar uma substância, faça uma pausa real. Respire fundo e conte 90 segundos. Isso ajuda o cérebro a sair do impulso imediato (sistema de recompensa) e ativar áreas de decisão mais consciente. Pergunta-chave: o que eu estou buscando agora?

### **2. Escaneamento corporal (voltar pro corpo real)**

Feche os olhos por 2 minutos e observe seu corpo: tensão, calor, aceleração. Nomeie sensações sem julgar. Isso reconecta você ao corpo além da química e ajuda a diferenciar desejo físico de ansiedade ou carência.

### **3. Nomear a sombra (sem se punir)**

Inspirado em Jung: escreva ou pense com honestidade — é tesão? solidão? fuga? validação?

Dar nome ao que move você reduz o poder do impulso inconsciente. Não é sobre eliminar, é sobre enxergar.

### **4. Mapa de limites (antes, não depois)**

Defina previamente:

até onde vou hoje?

com quem me sinto mais seguro?

o que é “sinal de parar” pra mim?

Esse exercício evita decisões no auge do efeito, quando o julgamento já está alterado.

## **5. Ritual de retorno (cuidado depois)**

Redução de danos também é o depois.

Crie um pequeno ritual pós-encontro: hidratação, alimentação leve, mensagem para alguém de confiança, descanso. Isso ajuda o sistema nervoso a sair do pico e reduz o impacto emocional do “vazio” que pode vir.

No meio de relações líquidas e desejos intensos, a questão não é controlar tudo — é construir pequenas âncoras. Entre impulso e escolha, sempre existe um intervalo. E cuidar desse intervalo já é uma forma potente de autonomia.¶

# **Prazer com cuidado é autocuidado.**

# Harm reduction in Chemsex

*Thinkers like Zygmunt Bauman have long noted that relationships have become more fluid and fast-paced, often becoming disposable. In the context of chemsex, however, this concept takes on another dimension.*

*The body ceases to be merely physical and begins to function as an interface, interwoven with substances, apps, encounters, and expectations*

*It's not just about pleasure, but also about connection, loneliness, and repetition. Through a Carl Jung lens, a significant tension emerges: desire, impulse, and shadow are real parts of the psyche. But that does not mean destiny. Desire is not a fixed script. It is influenced by context, substances, technologies, and the stories we carry. Between the internal and external worlds, there is a space where harm reduction can occur.*

*Harm reduction isn't about judgment; it's about providing the best possible care within the constraints of reality. It doesn't demand perfection, but rather invites mindfulness.*

*Below are five exercises inspired by emotional regulation and mindfulness practices—a kind of “symbolic neurosurgery” for everyday life, offering small adjustments to the nervous system and decision-making processes:*

## **1. 90-second pause (pause the automatic mode)**

*Take a real break before opening an app or using a substance. Take a deep breath and count to 90. This will help your brain shift away from its immediate impulses*

and activate the areas responsible for more conscious decision-making. Key question: What am I looking for right now?

## **2. Body scanning (back to the real body)**

Close your eyes for two minutes and observe your body. Notice any tension, heat, or a racing heart. Name these sensations without judgment. Doing so reconnects you to your body on a level beyond mere chemistry and helps you distinguish physical desire from anxiety or longing..

## **3. Name the shadow (without punishing yourself)**

Drawing inspiration from Jung, ask yourself: Is it lust, loneliness, escape, or validation? Identifying what drives you reduces the power of the unconscious impulse. The goal is not to eliminate it, but to see it.

## **4. Map of boundaries (before, not after)**

Decide in advance: How far am I going today? Who do I feel safest with? What counts as a “stop sign” for me? This exercise helps you avoid making decisions in the heat of the moment when your judgment is impaired.

## **5. Return ritual (take care afterward)**

Harm reduction is also about what comes afterwards. Create a small post-encounter ritual involving hydration, a light meal, messaging someone you trust and resting. This will help your nervous system calm down and reduce the emotional impact of the ‘emptiness’ that may follow. In a world of fluid relationships and intense desires, the point isn’t to control everything; it’s to establish small anchors. Between impulse and choice, there is always a pause. Taking care of that pause is a powerful form of autonomy in itself.<sup>[1]</sup>

# **Pleasure with care is self-care.**



**Rainnery Queer Core.** Muito além das lógicas binárias, artista, ativista, redutora de danos. Traz sempre em seu trabalho os estigma das sexualidades, corpos e uso de substâncias. Prazer também é cuidado.

*[Far beyond binary categories—artist, activist, harm reduction advocate. Her work consistently addresses the stigmas surrounding sexuality, bodies, and substance use. Pleasure is also care.]*

 @rainneryqueercore

 @chemsexprazertambemecuidado

A close-up photograph of a pig's snout, showing the intricate, wrinkled texture of its skin. A bright red laser line is projected across the snout, creating a sharp contrast with the natural brown and pink tones of the skin. The lighting is dramatic, highlighting the ridges and valleys of the skin's texture.

PUTARIAS  
de  
Dr. Red

Série Putos - exposição em progresso. Puto: Fernando. Berlim, Alemanha, 2026.



<https://onnowplay.com/doctorred>



<https://pornossexualigrafias.com.br>



SEXUAL  
GRAFIAS

série

# PUTTOS

exposição em progresso  
de chris, the red

curadoria: dr. red

galeria putarias de dr. red  
[onnowplay.com/doctorred](http://onnowplay.com/doctorred)

realização

apoio

PUTARIAS  
de  
DR. RED

DR. RED  
STUDIO

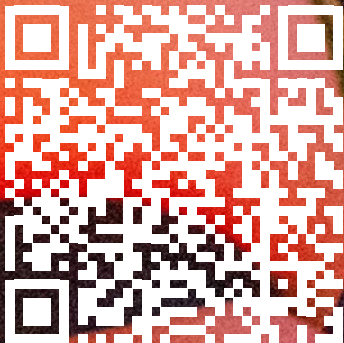
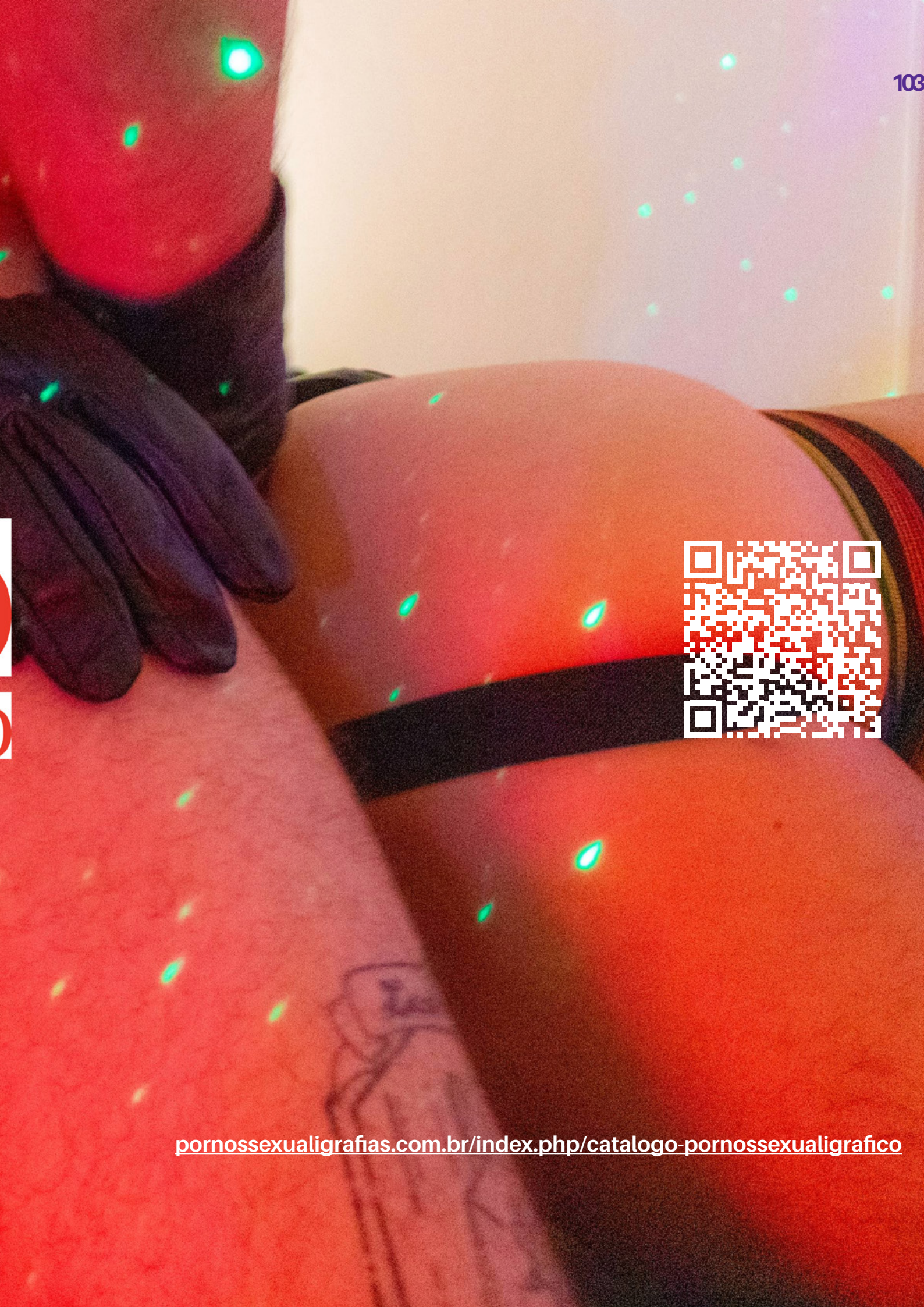
ARS  
SEXU  
ALIS



A photograph of a person's arm and hand in a red, dimly lit environment. The background is a vibrant red, and there are several small, bright green laser lights scattered throughout. The person's arm is extended from the left side of the frame, and their hand is visible near the center. The overall atmosphere is sensual and intimate.

# CATÁLOGO

## PORNOSSEXUALIGRÁFICO



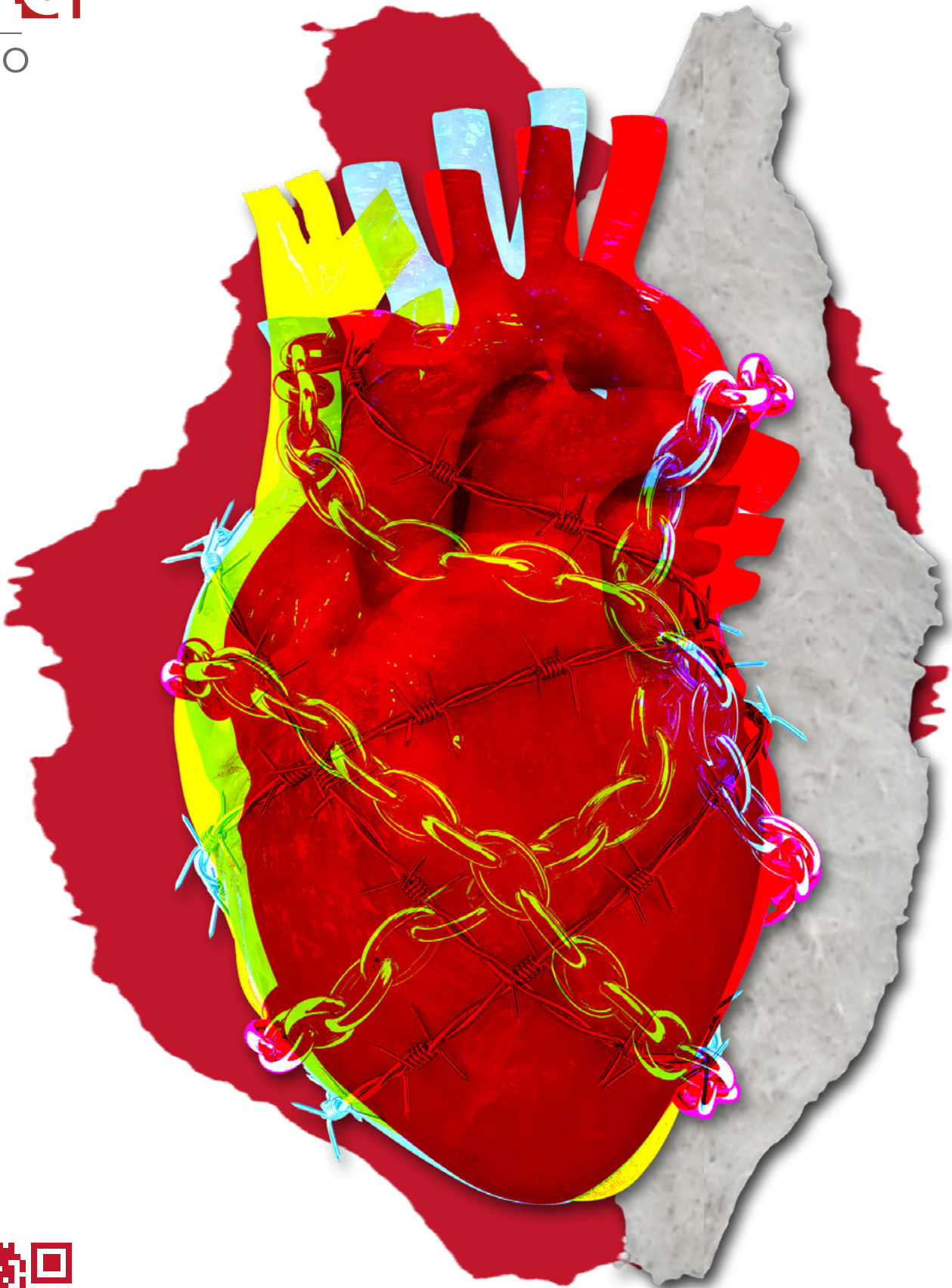




THE  
RHINOS  
CLUB



EXCLUSIVIDADE TEM SEU LUGAR.  
CRUISING BAR E CLUBE PARA HOMENS QUE SE RELACIONAM COM HOMENS (HSH)



# agradecimientos [acknowledgments]

I.

Henri Ferraz

Rafael Medina

Rainnery Queer Core

